



RELATÓRIO

41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019

CRÍTICO: FLAVIO VIEIRA DE MELO

DIA: 10/11/19

CATEGORIA: RUA

PEÇA: FUZURUFAFA BAFAFAZURU

GRUPO: ROSA DOS VENTOS

CIDADE: PRESIDENTE PRUDENTE SP

FUZURUFAFA

Previsto para ser apresentado no Bosque da Princesa, a peça Buzurufafa do grupo Rosa dos Ventos, acabou acontecendo na quadra poliesportiva do pátio do colégio, por conta da chuva que caía momentos antes do horário programado. Mesmo sendo o pátio, de frente para o Bosque, é possível afirmar que não tiveram todo o público que poderiam ter, já que diversas pessoas que estavam caminhando no parque, não foram até o local da apresentação. Ainda assim, a roda estava bem preenchida.

O grupo prudentino, traz consigo algumas características que marcam seus 20 anos de estrada, uma delas é sua habilidade de *abrir a roda* (termo usado entre os fazedores de Teatro de Rua para reunir o público em torno do local onde farão a apresentação). Sem sombra de dúvidas, os *Rosas* são referência para muitos fazedores de Teatro de Rua neste quesito.

Uma hora antes do início do espetáculo, Fernando, Thiago e Luiz faziam a preparação do público para o que viria em breve, brincadeiras de duplo sentido, anedotas e provocações diretas. Com isso, também aqueciam-se, e conheciam melhor algumas características de pessoas que, posteriormente poderiam ser aproveitadas em cena.

O espetáculo, desta vez, anunciava um grande acontecimento tecnológico, a invenção da máquina *Fuzurufa-system*, segundo eles, capaz de tornar presente, no espaço cênico, qualquer pessoa famosa que o público pudesse imaginar. Uma espécie de projetor de holograma ligado ao cérebro das pessoas por intermédio de um capacete.

Este que é o número central da peça, tem referência no tradicional circo teatro brasileiro que, para aguçar a curiosidade do público, anunciava números como: a mulher barbada; o homem que virava criança; a mulher que jogava o martelo para cima e pegava no dente etc. Técnicas que sempre funcionaram em espetáculos desta natureza, onde o grande objetivo era a diversão, o encantamento, o riso em seu estado mais singelo e puro. Do mesmo modo, muito funcional nas mãos do Rosa dos Ventos.

Depois da roda formada, o ritmo do espetáculo se mantém, é acelerado, dinâmico, marcante. Principalmente quando tem o acompanhamento musical que ajuda a acentuar a precisão gestual dos atores, prepara o tom para a piada, denuncia o fracasso, transforma tudo em espetáculo.

Neste jogo entre os atores e o público, vão anunciando o grande número tecnológico, que não demora a acontecer. Contrariando a sequência lógica e formal da elaboração da



RELATÓRIO

**41º Festival Nacional de Teatro
Pindamonhangaba/SP 2019**

dramaturgia clássica e, até de roteiros circenses melodramáticos (possíveis referências neste requisito), praticamente começam o espetáculo apresentando seu número principal.

A cena em questão, conta mesmo com uma série de aparatos tecnológicos, exatamente conforme o prometido, no entanto, toda essa estrutura existe para criar uma falsa sequência de explosões nos equipamentos que deveriam servir para construir a imagem do artista famoso imaginado por alguém do público. A cena é divertida, grandiosa como muito bem sabem realizar o Rosa dos Ventos. No entanto, depois deste momento, a sequência de cenas fica comprometida, pois não “há mais o que esperar”. Digo, na ordem que foram apresentadas, as cenas não corroboram para a construção do espetáculo.

O que deveria, a meu ver acontecer, seria: já na abertura de roda, anunciar que se trata de um espetáculo tecnológico; construir no público uma expectativa coletiva, que vai sendo aumentada a cada cena, até que, no ápice do espetáculo, se apresente a solução, o número prometido. Neste jogo, teriam ainda dois caminhos: realizar de fato o feito; ou, frustrar o público revelando o óbvio, que não é possível tal realização.

Para mim, a escolha do grupo, antecipando a “solução da cena principal”, não permitiu que o espetáculo alcançasse o que sempre presenciei no Rosa dos Ventos, aquela sensação de plenitude do público, aqueles risos do improvável, das habilidades técnicas, capacidades de improvisação, soluções cênicas. E repito, não porque isso tudo não estivesse lá, pois estava, mas organizado de maneira que o próprio público não pudesse aproveitar da melhor maneira.

Outro ponto de destaque observado por mim e comentado pelo público, mesmo antes do iniciar o espetáculo e também depois, durante o bate-papo, é a ausência do China (multi-instrumentista que não faz mais parte de alguns espetáculos do grupo). Para solucionar este problema, os atores se revezam na função, mas... fica evidente a relação que a música tem com os trabalhos do Rosa. Na ausência do China ou de uma pessoa para realizar exclusivamente esta função, as transições de cena e até o ritmo de atuação não é o mesmo, em alguns momentos ficam um tempo para trás (como se diz na música).

Não pretendo, manifestando minha visão sobre o espetáculo, impor um olhar direcionador ao leitor e ao público, mas estabelecer uma relação de diálogo com este grupo que, como disse no início deste pequeno texto, é referência de qualidade para a totalidade dos fazedores de Teatro de Rua do Brasil, principalmente quando a comédia e o circo forem a modalidade em questão. O Rosa dos Ventos está a vinte anos na estrada, fazendo teatro e lutando por políticas públicas que possam aumentar a possibilidade de outros grupos e de eles mesmos continuarem sobrevivendo desta nobre profissão. O Rosa dos Ventos é um dos horizontes para onde apontam muitos daqueles que desejam viver de teatro neste país.